

# DESCRIÇÃO DOS RIOS PARNAÍBA E GURUPÍ

## PELO DR. GUSTAVO DODT

Vol. 138 da Coleção Brasileira, da Biblioteca  
Pedagógica Brasileira — São Paulo 1939.

O presente livro é da autoria dum engenheiro que percorreu os sertões do Piauí e Maranhão, em trabalho de hidrografia e exploração de rios. Gustavo Barroso, seu neto, traça uma biografia do autor, salientando as qualidades do velho engenheiro, sem esconder o orgulho de descendente do ilustre homem.

De fato, o Brasil tem recebido do estrangeiro, muitos vultos ilustres que aqui fizeram trabalho fecundo e altamente útil para nós. Em geral são homens inteligentes de cultura sólida e de apreciáveis qualidades morais. Desde a Independência tivemos gente desse tipo, que deixam o nome consagrado em obras sobre o interior do País.

Hoje, são mais raros, porque cada país guarda avidamente os homens bons de modo que os técnicos de "exportação", salvo honrosas exceções, são de segunda categoria quando não são agentes secretos em busca de riquezas dos países coloniais. O livro em apreço foi arranjado com as notas de viagem e relatórios técnicos do Eng. Dodt, com matéria escrita, não para figurar especialmente em livro, mas com um caráter de relatório de viagem, daí o pouco atrativo de muitas e muitas páginas. Essa ressalva não implica em diminuição da obra, apenas justifica a apreciação que naturalmente se afigurará ao público não técnico que tiver o livro sob os olhos.

Em todo o trabalho nota-se o profundo espírito de observação do autor, a cultura geral e o senso crítico do homem que teve a formação intelectual e moral numa Alemanha bem diversa da atual. Dodt, além de engenheiro, era um PH. D. (doutor em filosofia) egresso da Iena, daquela pequena cidade onde tudo respira a laboratório, biblioteca ou oficina de precisão. Por isso, sabia apreciar as feições mentais do inculto ou do indígena, divagava sobre aplicação de métodos científicos naqueles incultos sertões do Norte onde a situação atualmente não deve ser muito diversa da que se apresentava ao Eng. Dodt por volta de 1871.

Quando se passam em revista todos os males apontados no livro e que tanto chocavam ao engenheiro alemão, quem conhece aquela zona sabe bem que eles ainda perduram na sua intangível integridade. Piauí e Maranhão são duas terras longínquas e quasi isoladas da civilização litorânea. O primeiro depois de 1930, sob a influência dum governo de realizações (Cap. Landry) elevou muito no nível cultural e econômico. A parte norte do Piauí recebeu grandes melhoramentos; a produção cresceu, as vendas aumentaram e o *coronelismo* se retraiu muito ante a autoridade firme e conciente do governo. Um índice desse novo estado de cousas é o belo mapa geográfico mandado imprimir pelo Governo Landry, certamente sob o fundamento de que a primeira condição para bem administrar uma região é conhecer-lhe a geografia...

Um defeito notado no presente volume da Brasileira é a falta dum comentador, inteirado das questões ali tratadas. Simples notas infra-paginais explicando certas passagens, dando certos dados esclarecedores ou modernizando uma terminologia obsoleta, teriam resultado numa grande valorização do livro. Essa revisão é necessária, insistimos, e não é difícil compreender que relatórios oficiais ou notas de viagem escritas há quasi 70 anos careçam ao menos de ligeiras adaptações à terminologia e às idéias que correm hoje.

Podemos mostrar alguns exemplos.

Dotd fala frequentemente da formação geológica do Piauí, descreve as feições fisiográficas, com muita exatidão, salienta o caráter geral de chapadas daquilo que pomposamente os mapas denominam de serras, porém classifica-as impropriamente no período triássico.

“O caráter geológico da parte do vale do Parnaíba, que tive ocasião de percorrer, corresponde, como me parece, em toda parte à formação da “pedra de areia vermelha superior” (*bunter sandstein, upper new red sandstone and red marle*”, *nouveau grés rouge*”), que é a parte inferior da formação triássica”.

A inexatidão é tolerável, pois o autor não é especialista, nem poderia numa simples viagem de exploração de rios chegar a ter conhecimentos suficientes para classificar os terrenos percorridos.

O triássico de Dotd foi fonte de comparação do aspecto geral, das formações com o *facies* desses terrenos na Alemanha.

Se houvesse um comentador, tudo ficaria esclarecido em poucas linhas e bem de acôrdo com a realidade. Se dum lado, é tolerável uma discrepância dessa natureza, não é também justo que um livro publicado em 1939 emita, sem restrições, conceitos que não estão de acôrdo com as doutrinas aceitas nos dias que correm.

Faltou ao eng. Dotd o termo arenita da terminologia petrográfica que significa exatamente a “pedra de areia”, tão frequentemente referida.

Para bem se exprimir, quando se refere à “pedra de areia vermelha” que forma as chapadas da Barra do Urussuizinho para baixo, coloca entre parêntesis — *bunter sandstein, red sandstone, grés rouge*, termo em 3 idiomas diferentes apresentados para suprir, a carência de dois vocábulos portugueses muito expressivos: — arenito vermelho.

Resaltando a dificuldade de fazer estudo geológico em zonas sem côrtes naturais ou artificiais e ainda impossibilitado pela falta de tempo, diz que se limita a tecer apreciações sôbre os “caractères principais que as diferentes serras apresentam, e felizmente são quasi todas talhadas a pique, de sorte que a vegetação não esconde suas camadas”.

“Assim, vê-se logo que todas as serras isoladas, que demoram entre a serra principal e a margem do rio, repetem em ponto pequeno o caráter da serra principal. Todas formam em cima planícies mais ou menos extensas e nos lados, despenhadeiros a pique cuja estratificação corresponde perfeitamente à da serra principal”. Reconhece-se desta forma com toda a evidência que elas são partes da chapada alta, denominada Serra da Tabatinga, separadas desta pela ação das águas anti-diluvianas”. Nas descrições ocupa-se com o modo de decomposição desses arenitos argilosos, mostrando como geram os areiais dos rios, e faz considerações muito oportunas sôbre a atividade erosiva nas margens, apresentando sugestões razoáveis para diminuí-la.

Não escapou ao eng. Dotd a ocorrência generalizada de sais nos arenitos das chapadas no sul do Piauí. O fato tem uma grande repercussão prática porque representa uma condição favorável à pecuária.

Ao que nos conta, não há apenas ocorrências de cloreto de sódio, mas também de nitrato de potássio (salitre) com proporções que convidam a estudos detalhados. O Ministério da Agricultura preocupado com o problema das matérias primas para adubação química (fosfatos, nitratos, sais de potássio) já está com as vistas voltadas para aquele Estado, graças às indicações do geólogo Glicon de Paiva, que fez recentemente uma viagem de inspeção e colheu amostras assás interessantes.

Muito singular é a referência de Dotd ao achado de um exemplar de calamites “planta própria, ainda que não característica da formação indicada”. A ressalva mostra bem a sinceridade e a honestidade profissional. Calamites

são frequentemente encontradas nas camadas de carvão de pedra na Europa; são criptógamos vasculares representantes fósseis das atuais equisetáceas que vegetam nos pântanos e alagadiços. A presença desse fóssil indica a existência do antracólítico no Piauí, fato que os trabalhos modernos comprovaram.

Não obstante as idéias vagas da existência de carvão de pedra no Piauí, não se tinha uma prova certa da existência de terrenos carboníferos naquele Estado antes das sondagens feitas em Teresina pelo Serviço Geológico, quando o diretor Euzébio de Oliveira, sondagem essa que revelou uma flora carbonífera do andar vestfaliano. A referência de Dodt nas chapadas do Sul é portanto um fato importante que, bem interpretado, poderá levar a descobertas de notável repercussão econômica. A criação do gado mereceu muitas páginas de considerações ponderadas, onde se lamentava o atraso dos métodos e o mau aproveitamento de condições naturais privilegiadas. Encontra-se no livro uma curiosa avaliação quantitativa das áreas adequadas aos diversos gêneros de atividade, segundo o autor 70 % da área é adequada à criação, apenas 2 % à agricultura e o restante inaproveitável.

Isso acentua o conceito emitido de que o Piauí é uma região essencialmente pastoril. Faltou nessa avaliação considerar as áreas próprias às indústrias extrativas florestais, como a da carnaúba que tem importância capital naquele Estado. Preocupado fortemente com a indústria pastoril, que a seu ver deveria constituir o principal ramo de atividade, descreve o processo Grangee para conserva de carne, novidade na época e já experimentado com sucesso na Europa. É um método químico, onde intervém a ação do gás sulfuroso e do óxido de carbono, muito mais complicado que a congelação, hoje corrente no mundo inteiro e ainda desconhecida no Piauí.

Dodt considerava, como é óbvio, a navegação do Parnaíba como um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento daquelas zonas incultas pelo isolamento. Indica os meios mais aconselháveis para se melhorar a navegabilidade do rio, apresenta orçamentos, que nos parecem demasiadamente modestos, mesmo considerando as condições da época. Referindo-se a uma lagôa tida como misteriosa, pelas aparições, relata certos casos, narrados por pessoas idôneas e procura explicar os fatos com as leis comuns da física. Para ele as "visagens nada mais eram que fenômenos de miragem em vista das diferenças de densidade das águas e das camadas de ar superpostas".

Na parte referente ao Maranhão começa descrevendo a exploração do rio Gurupí até suas nascentes.

Quem hoje manuseia os mapas do Gurupí nem pode avaliar os sacrifícios dos que em missão do Governo, com parcos ordenados, passaram enormes privações no cumprimento fiel do dever.

O eng. Dodt que não parece mostrar-se muito amigo de pôr em relêvo os aborrecimentos das viagens, diz: "No dia 12 de junho, comecei a viagem para as cabeceiras do rio. Após 39 dias de sofrimentos de todo o gênero, em uma canôa pequena, exposto ao sol e à chuva, e, às vezes, à fome, cheguei ao lugar Cajú-apara. Daí em diante tornou-se a exploração mais penosa".

Na descrição do Gurupí, chama a atenção para a riqueza florestal, ao passo que pouco se refere aos minerais. É de opinião que neste reino há pouco a explorar, pelo menos é a impressão que se tem pela falta de afloramentos em vista da grande cobertura de sedimentos mais modernos. "Quanto aos produtos mineralógicos são estes mais de interesse científico do que prático".

"De minerais aproveitáveis para a indústria não achei cousa alguma. Não duvido, que se possam encontrar ali algumas camadas auríferas, pois a zona, já conhecida há muito tempo como aurífera, e que parece passar dos Montes Aúreos para as cabeceiras do Sampaio, atravessa o Gurupí talvez na altura das cachoeiras".

Um dos fatos que mais impressionou ao explorador foi a devastação das árvores de copaíba que éle grafa copaúba.

Como é sabido, essa planta vegeta nas florestas do Pará, Maranhão, Amazonas e Mato Grosso e produz um óleo essencial, muito procurado pelas propriedades medicinais. O método de extrações empregado naquele tempo (e certamente, ainda hoje) mata a árvore e pela produção média de cada exemplar, o eng. Dodt calculou o número de árvores sacrificadas anualmente. A planta tem crescimento lento e só ao cabo de muitos anos pode chegar a uma produção apreciável. Nestas condições, previu a destruição completa das copaibeiras do Gurupí dentro de 5 anos.

“O terreno do Gurupí, se bem que vasto, não é todavia tamanho que a reprodução pudesse equilibrar tal destruição, tanto mais que esta árvore não vegeta senão em terra enxuta. Por isso não se encontram mais copaúbeiras perto do rio, e as paragens, em que ainda elas existem, são as cabeceiras do mesmo rio e de alguns dos seus afluentes. Com a procura atual pode-se prever que em cinco anos esta fonte de riqueza estará exausta no Gurupí sem ter-lhe trazido a menor vantagem”.

Não obstante tão pessimistas previsões, ainda se encontram copaibeiras na zona do Gurupí. As previsões dêste gênero são sempre desmentidas, haja visto os prazos previstos para o esgotamento das jazidas de petróleo no mundo...

A parte final do livro versa sôbre os indígenas do oeste maranhense. O eng. Dodt visitou aldeias, conviveu com os índios e nos dá notícias muito interessantes, tanto dos Tembés de estirpe tupí, quanto dos Timbiras, do grupo Gê. Os hábitos, adornos, instrumentos, etc., são bem descritos e de um modo agradável pela simplicidade. Há alguns reparos a fazer, como a classificação dos Guajajaras entre tapúias, por menores que escaparam naturalmente ao homem cuja missão era bem diversa dos estudos etnográficos.

As ilustrações da obra estão em flagrante desacôrdo com a fidelidade do escrito; mas disso nenhuma culpa tem o laborioso engenheiro. Os mapas do Piauí e Maranhão pouco valem pela escala em que estão apresentados. Na parte referente aos índios, estampa-se uma peça de cerâmica de Marajó, dessas já muito divulgadas pelo Museu Nacional. Outras gravuras representam uma igaçaba, uma planta de ossos de tipos que nunca vimos entre os índios maranhenses. As figuras indígenas também são reproduções de gravuras já muito divulgadas e não traduzem tipos de Tembés ou Timbiras, de que trata o livro.

Em resumo, o livro formado com as notas e relatórios do eng. Dodt representa um grande valor porque nos dá panoramas e aspectos sociais de uma vasta região do País, descritos por um observador meticoloso, culto e inteligente.